



## **ADOLESCENTES E OS RELACIONAMENTOS ABUSIVOS: A TENDÊNCIA A SE CONCRETIZAR EM CASOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER**

Etieli Guareschi Mattes<sup>1</sup>

Nathália Facco Rocha<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O presente estudo tem por escopo investigar os motivos e as justificativas que impulsionam meninas e adolescentes a se manterem em relacionamentos considerados abusivos e/ou destrutivos, bem como as possíveis consequências que esses relacionamentos podem trazer para as envolvidas e para a sociedade como um todo, já que essa violência é encontrada em todos os segmentos da sociedade, não demonstrando assim, ser uma característica de um determinado grupo social específico. Da mesma forma, pretende-se, ainda, elucidar e evidenciar possíveis práticas que possam ajudar a amenizar ou até mesmo erradicar essa realidade tão presente na vida de muitas adolescentes no Brasil, utilizando para isso as escolas como principais aliadas para modificar ou amenizar essa situação. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica calçada na legislação e dados quantitativos secundários, pois se tem um crescente número de casos de violência contra jovens mulheres. Diante disso, torna-se indispensável o estudo dessa temática buscando, assim, identificar as motivações de quem se mantém nesses relacionamentos, e as principais consequências sociais e jurídicas da prática de violência física, moral e psicológica contra essas jovens mulheres. O presente trabalho enquadra-se na linha de pesquisa Políticas Públicas de Gênero e Minorias, uma vez que trata de um assunto que se tornou corriqueiro na atual sociedade e que deve ser melhor compreendido, a fim de garantir a proteção dos direitos das vítimas e a responsabilização dos autores desses comportamentos.

Palavras-chave: Adolescentes. Escolas. Políticas Públicas. Relacionamentos. Violência.

<sup>1</sup>Advogada. Pós-graduanda em Direito Público pelo Complexo de Ensino Roberto Saraiva. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Santa Maria – FADISMA, endereço eletrônico: [etimattes@hotmail.com](mailto:etimattes@hotmail.com).

<sup>2</sup>Advogada. Pós-graduanda em Direito do Trabalho, Processo do Trabalho e Direito Previdenciário pela Faculdade Estácio de Sá. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Santa Maria – FADISMA, endereço eletrônico: [nathaliafacco@hotmail.com](mailto:nathaliafacco@hotmail.com).



## ABSTRACT

This study has the scope to investigate the reasons and justifications that drive girls and adolescents to remain in abusive considered relationships and or destructive, as well as the possible consequences that these relationships can bring to the involved and for society as a whole, as that violence is found in all segments of society, not showing thus be a characteristic of a certain specific social group. Similarly, it is intended to further elucidate and highlight possible practices that can help minimize or even eradicate this reality so present in the lives of many adolescents in Brazil, making use of schools as key allies to modify or mitigate this situation. For this, a literature search was conducted sidewalk in legislation and secondary quantitative data, because there is an increasing number of cases of violence against young women. Therefore, it is essential to study this issue seeking thus to identify the motivations of those who remain in these relationships, and the main social and legal consequences of physical violence, moral and psychological violence against these young women. This work is part of the research line Public Gender and Minorities Policies, since this is an issue that has become commonplace in today's society and it should be better understood in order to guarantee the victims' rights protection and accountability of perpetrators of such behavior.

Keywords: Teens. Schools. Public policy. Relationships. Violence.

## INTRODUÇÃO

As mudanças sociais são decorrentes da nova realidade da população, bem como a inserção de direitos antes não previstos nas legislações brasileiras, o Brasil ao longo dos anos tem demonstrado fortes mudanças de conceitos e preconceitos, porém ainda existem grandes resquícios que encontram alicerces em uma sociedade patriarcal e machista. Mesmo com os inúmeros direitos adquiridos pelas mulheres e, no presente estudo, as adolescentes, estas ainda se mostram grandes vítimas dos mais variados tipos de violência.

A violência contra mulher, bem como a tentativa de diminuí-las, tem sido um tema recorrente nos inúmeros segmentos da sociedade. Uma vez que, em vários casos, essa se apresenta em ambientes onde menos se espera e por isso, o assunto deve ser motivo de questionamento em todos os âmbitos, inclusive nos ambientes escolares.



Sabe-se que na sociedade do século XXI os relacionamentos amorosos surgem cada vez mais cedo, por isso, as escolas possuem forte influência na construção de opiniões, devendo essas serem vistas como aliadas para prevenir e esclarecer as consequências sociais e jurídicas de um relacionamento destrutivo/abusivo.

As adolescentes têm se mostrado potenciais vítimas de violência. Os jovens começam a relacionar-se cada vez mais cedo, e influenciados por inúmeros fatores reproduzem atitudes violentas, baseados no machismo, discriminação, ciúmes, entre outros fatores. Por isso, é importante esclarecer desde cedo as consequências de se manter em relacionamentos que tendem a gerar conflitos maiores.

A busca pela redução da violência contra mulher se mostra cada vez mais presente na sociedade, já que a mesma é uma realidade vivenciada em todo o país. São diversas as ações e campanhas para que haja um combate mais efetivo contra a violência doméstica e familiar. E neste sentido, observa-se que se faz necessário que tais informações sejam direcionadas ao âmbito escolar, onde podem ser encontradas possíveis potenciais vítimas.

Esse estudo busca clarear as perspectivas para que haja uma efetiva diminuição de meninas/mulheres vítimas de agressões, principalmente por seus namorados, cônjuges ou companheiros, a princípio nas escolas, e para isso, visa esclarecer os malefícios causados por relacionamentos ciumentosos e conturbados. E, por consequência, tornar esse assunto rotineiro nas escolas, devido à aproximação real entre alunos e educadores, sendo esta baseada na troca de conversas e confiança.

O presente estudo é dividido em dois capítulos, sendo o primeiro intitulado de “A sociedade machista *versus* a violência contra mulher”, na qual explanar-se-á sobre conceitos e fatos históricos que demonstram como o machismo influencia nos relacionamentos e como a violência contra as mulheres está intimamente ligada a ele.

Já o segundo capítulo intitulado de “As adolescentes e os relacionamentos viciosos: uma tendência a atos violentos” tem como intuito, esclarecer os malefícios que podem ser causados pela manutenção de relacionamentos viciosos, bem como, quais os motivos que levam jovens tão novas a se submeterem a esses tipos de relacionamentos, e ainda, a suportar os variados tipos de agressões.



A metodologia utilizada perpassa pelo levantamento e pesquisa bibliográfica. O método de abordagem empregado é o hipotético-dedutivo e histórico, as fontes do procedimento são bibliográficas, documentais, leis e estudo de casos, para que, desse modo, possa ocorrer um desenvolvimento mais preciso do tema proposto e sua real compreensão.

Por fim, por se tratar de um estudo complexo, que trata diretamente das relações humanas, o presente estudo tem por intuito apresentar as primeiras reflexões, posicionamentos e possíveis sugestões de soluções acerca do tema, que se mostra de suma importância para mudar a realidade das adolescentes brasileiras, fazendo com que estas não sejam vítimas de violência praticada por seus namorados ou que as que se encontrarem nesta situação se sintam seguras para buscar o apoio e a ajuda necessária para mudá-la, como também, evitar que as mesmas se tornem futuras vítimas.

## **1. A sociedade machista *versus* a violência contra mulher**

Desde que a sociedade se organizou como tal, homens e mulheres são tratados de formas distintas e, dentro desta distinção a mulher tem sido alvo frequente de todos os tipos de violência, provocadas por inúmeros fatores, inclusive pelo simples fato de ter nascido mulher. Os homens, na sociedade ocidental, culturalmente, sempre foram vistos como seres superiores as mulheres, o que atualmente, a passos lentos, vem se modificando. Porém, as violências contra as mulheres atingem os diversos setores, tendo estas seus direitos violados, com argumentos baseados em crenças arcaicas, alicerçados em uma cultural tradicionalmente beneficiária dos homens (SANTIAGO; COELHO, 2011).

A sociedade brasileira tem sofrido inúmeras mudanças ao longo das décadas. Entretanto, mudar efetivamente o pensamento arcaico impregnado desde que a sociedade assim se organizou, não tem se mostrado uma tarefa fácil. Ao defender uma maior igualdade de gênero, pode-se observar que ainda se fazem necessárias mudanças profundas de percepções, conceitos, preconceitos e ações. As mulheres, principais vítimas da sociedade machista, tem conseguido superar vários obstáculos e garantido seus direitos, almejando assim maiores oportunidades e igualdade (GONZALES, 2014, s/p).



No ano de 2003 o Governo Federal publicou uma cartilha intitulada de “Programa de Prevenção, Assistência e Combate à Violência Contra a Mulher – Plano Nacional: Diálogos sobre Violência Doméstica e de Gênero – Construindo políticas públicas” onde trás inúmeras informações importantes sobre o tema, dentre elas o que se pode entender por violência de gênero (BRASIL, 2003, p. 8):

O fenômeno da violência de gênero, também chamada violência contra a mulher, acontece no mundo inteiro e atinge as mulheres em todas as idades, graus de instrução, classes sociais, raças, etnias e orientação sexual. A violência de gênero em seus aspectos de violência física, sexual e psicológica, é um problema que está ligado ao poder, onde de um lado impera o domínio dos homens sobre as mulheres, e de outro lado, uma ideologia dominante, que lhe dá sustentação. É importante ressaltar que independente do tipo de violência praticada contra a mulher todas têm como base comum as desigualdades que predominam em nossa sociedade. São muitas as formas de violência de gênero: as desigualdades salariais; o assédio sexual no trabalho; o uso do corpo da mulher como objeto, nas campanhas publicitárias; o tratamento desumano que muitas recebem nos serviços de saúde. Todas representam uma violação aos direitos humanos e atingem a cidadania das mulheres. A violência de gênero, também conhecida como violência doméstica e sexual, aí incluídos o assédio moral e sexual e o tráfico nacional e internacional de mulheres e meninas, é ainda mal dimensionada, necessitando maiores investimentos em pesquisas e medidas legislativas e jurídicas adequadas.

Observa-se que machismo se mostra presente em todos os setores da sociedade. Contudo, ao tratarmos de relacionamentos afetivos, isso pode acarretar inúmeras consequências, dentre as quais uma série de violência, podendo ser estas verbais, emocionais e até mesmo físicas. Sobre situações de violência contra a mulher, Gonzales refere que ao longo dos anos percebeu-se que os principais agressores são pessoas do próprio âmbito familiar das vítimas (GONZALES, 2014, s/p).

A máxima é que o amor e o ódio se fazem presente na maioria das relações humanas, e por isso não seria diferente ao tratarmos dos relacionamentos amorosos, independentemente da faixa etária dos envolvidos. De todas as características humanas a agressividade é uma das mais fáceis de ser escondida, disfarçada e, em muitos casos, podendo até mesmo ser atribuída a fatores que não derivam da personalidade humana, mas sim relacionadas a fatores externos que cercam o agressor. E, diante disso, se torna difícil a compreensão dos motivos que as deram origem (WINNICOTT, 1999, p.89).

É sabido que nos relacionamentos amorosos as mulheres são as maiores vítimas de agressões, sendo tais efetuadas pelos mais diversos motivos, dentre



estes o ciúme se mostra presente. Diante disso, a Organização das Nações Unidas (ONU) elaborou uma resolução a fim de esclarecer o que vem a ser violência contra mulher, conceituando-a como:

Qualquer ato de violência baseado na diferença de gênero, que resulte em sofrimentos e danos físicos, sexuais e psicológicos à mulher; inclusive ameaças de tais atos, coerção e privação da liberdade seja na vida pública ou privada (ONU, 2005, p. 6).

Portanto, qualquer ação ou ameaça de ação que resulte em qualquer tipo de dano ou sofrimento a mulher é considerada como violência. No Brasil, no ano de 2006, foi sancionada a Lei nº 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha, a qual trata de “mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher”. Essa lei é um marco na luta pela igualdade de direitos e no combate a violência contra a mulher e ela trás em seu artigo 5º um importante conceito de violência, vejamos (BRASIL, 2006):

Art. 5º Para os efeitos desta Lei, configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial:

I - no âmbito da unidade doméstica, compreendida como o espaço de convívio permanente de pessoas, com ou sem vínculo familiar, inclusive as esporadicamente agregadas;

II - no âmbito da família, compreendida como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa;

III - em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a ofendida, independentemente de coabitação.

Parágrafo único. As relações pessoais enunciadas neste artigo independem de orientação sexual.

Observa-se que a referida lei trata especificamente da violência doméstica e familiar que são os âmbitos em que mais ocorrem situações de violência contra a mulher, com pessoas em que ela tem ou tinha algum tipo de relação íntima de afeto e/ou confiança.

A Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República criou no ano de 2009 o Observatório Brasil da Igualdade de Gênero, o qual possui parceria com outros observatórios da América Latina, assim como, outros órgãos da sociedade brasileira, para o estudo e disseminação de informações acerca das violências de gênero, dentre elas as contra as mulheres. O referido observatório



brasileiro possui sitio na internet com diversas informações sobre o tema e, especificamente sobre a violência contra mulher, esclarece que:

Um dos principais tipos de violência empregados contra a mulher ocorre dentro do lar, sendo esta praticada por pessoas próximas à sua convivência, como maridos/esposas ou companheiros/as, sendo também praticada de diversas maneiras, desde agressões físicas até psicológicas e verbais. Onde deveria existir uma relação de afeto e respeito, existe uma relação de violência, que muitas vezes é invisibilizada por estar atrelada a papéis que são culturalmente atribuídos para homens e mulheres. Tal situação torna difícil a denúncia e o relato, pois torna a mulher agredida ainda mais vulnerável à violência. Pesquisa revela que, segundo dados de 2006 a 2010 da Organização Mundial de Saúde, o Brasil está entre os dez países com maior número de homicídios femininos. Esse dado é ainda mais alarmante quando se verifica que, em mais de 90% dos casos, o homicídio contra as mulheres é cometido por homens com quem a vítima possuía uma relação afetiva, com frequência na própria residência das mulheres. (BRASIL, 2009)

Ainda, no referido observatório é possível analisar painel de dados atualizados sobre a violência contra mulher no qual refere que em 51,9% dos casos a relação que o agressor tem com a vítima é a de companheiro, 21,1% de ex-companheiro e 14,4% familiares. (BRASIL, 2016) Curial observar a preocupante estatística de que na grande maioria dos casos de violência, essa advém de quem deveria proteger, ajudar e incentivar a mulher. Essa situação de violência dentro de casa só faz aumentar a vulnerabilidade da mulher frente a essas situações.

No ano de 2011 foi fundado o Instituto Patrícia Galvão, uma organização não-governamental sem fins lucrativos que tem por objetivo contribuir para o debate sobre a violência contra a mulher através de uma cobertura jornalística. No seu site é possível obter inúmeros dados sobre o tema, dentre eles há um cronômetro da violência contra a mulher no Brasil, o qual trás dados impressionantes: 5 espancamentos a cada 2 minutos; 1 estupro a cada 11 minutos; 1 feminicídio a cada 90 minutos; 179 relatos de agressão por dia; 13 homicídios femininos por dia no ano de 2013 (DOSSIÊ,2016).

Sobre as “motivações” que levam ao grande número de casos de violência contra a mulher, a Agência Patrícia Galvão em seu dossiê “Violência Doméstica e Familiar”, refere que:

É comum os homens serem valorizados pela força e agressividade, por exemplo, e muitos maridos, namorados, pais, irmãos, chefes e outros homens acham que têm o direito de impor suas opiniões e vontades às mulheres e, se contrariados, recorrem à agressão verbal e física. Com base em construções culturais desse tipo, que vigoram há séculos, muitos ainda



acham que os homens são 'naturalmente superiores' às mulheres, ou que eles podem mandar na vida e nos desejos delas, e que a única maneira de resolver um conflito é apelar para a violência. Mecanismos como esses estão nas raízes dos níveis de tolerância social a diferentes formas de violência e atuam em muitos casos em que agressões acontecem para 'justificar' ou minimizar a responsabilização de quem cometeu o ato violento, atribuindo as ações praticadas por uma pessoa à biologia ou, pior ainda, a quem foi vítima da agressão. (DOSSIÊ,2016).

Nesse sentido, ainda há uma carga cultural de machismo muito presente na sociedade atual que vem sendo incentivada há séculos. Muitos homens ainda acreditam que a mulher deve servir/obedecer aos mandos e vontades deles, como se não fossem donas de si mesmas. Jacira Vieira de Melo, diretora executiva do Instituto Patrícia Galvão, obtempera que:

A violação dos direitos humanos das mulheres atravessa gerações e fronteiras geográficas e ignora diferenças de níveis de desenvolvimento socioeconômico. A violência está mais presente do que se imagina em diversas relações e acontece cotidianamente. (DOSSIÊ,2016).

Mesmo sofrendo violência contínua, grande parte das mulheres continuam com a relação abusiva durante um tempo devido ao sentimento de esperança que possuem, no intuito de que seus parceiros irão mudar e acreditando ser uma situação transitória e não internalizada em sua personalidade. Ocorre que estes relacionamentos continuam até o momento em que estas mulheres compreendem sozinhas ou com ajuda de terceiros que as ações não são somente ocasionais (MARQUES, 2005, p.255).

Ademais, as mulheres apostam na continuidade de seus relacionamentos degradantes por, na maioria das vezes, acreditarem na mudança, no amor e, acima de tudo, para manter a estrutura familiar. Nesse diapasão, Marques afirma que mesmo as vítimas não se considerando merecedoras de tais agressões, estas as suportavam, na tentativa frustrada, de consertar o relacionamento (MARQUES, 2005, p. 256). Ainda sobre o tema, a Agência Patrícia Galvão dispõe:

A violência na relação íntima tem uma dinâmica complexa que coloca inúmeras dificuldades para o rompimento, como a desestruturação do cotidiano e até mesmo o risco de morte para a mulher. Por isso, é importante não julgar a mulher, nem demonstrar impaciência quando ela nega a agressão ou denuncia e depois volta atrás (DOSSIÊ, 2016).





Deste modo, a mulher deve ter todo o apoio necessário quando estiver vivenciando um momento de violência familiar ou doméstica, mesmo que queira seguir com a relação, é importante saber que há pessoas ao lado dela para apoiá-la nas decisões. Percebe-se que essas situações são muito mais profundas do que se pode analisar de fora, cada caso concreto é diferente e possui suas peculiaridades.

Ocorre que, atualmente, os relacionamentos amorosos estão começando cada vez mais cedo e, diante disso, é necessário acompanhar como estes vêm se desenvolvendo frente à cultura do machismo ainda muito presente na sociedade. A violência contra a mulher deve ser combatida desde a infância, tratando meninos e meninas igualmente, para que, nos futuros relacionamentos venha se desenvolvendo uma mudança na cultura de que as mulheres possuem menos poderes do que os homens. Para tanto, no próximo capítulo abordar-se-á as relações afetivas entre adolescentes, trazendo dados e importantes perspectivas para a mudança de paradigmas.

## **2. As adolescentes e os relacionamentos viciosos: uma tendência a atos violentos**

As relações amorosas tendem a surgir cada vez mais cedo, sendo uma realidade na vida de jovens e adolescentes em geral. E, não diferente a isso, nos relacionamentos dessas jovens, a violência também se faz presente, já que constitui, atualmente, como grave problema de ordem social. Os Jovens se apresentam tanto como vítimas quanto como autores dos mais variados tipos de violência (ZAPPPE e RAMOS, 2010, p.365).

Curial ressaltar que as relações afetivas entre namorados e, por consequência, entre adolescentes, também são enquadradas na Lei Maria da Penha, uma vez que, conforme explanado anteriormente, aplica-se a referida lei quando há uma relação íntima de afeto entre o agressor e a agredida. Inclusive, sobre essa questão o Superior Tribunal de Justiça firmou entendimento de que pode ser utilizada a Lei Maria de Penha tanto em casos de violência advindos de namorados, quanto de ex-namorados, pois há caracterização de relação de afeto, sendo desnecessária a coabitação para tanto. Neste sentido: RHC 27317 RJ 2009/0240403-0 (STJ, 2012); HC 181217 RS 2010/0143179-9 (STJ, 2011); CC 103813 MG 2009/0038310-8 (STJ, 2009).



A violência de gênero contra as adolescentes pode ser apresentada de diversas maneiras, assim como as contra as mulheres adultas, podendo ser psicológica, física e sexual. Porém, ao falarmos diretamente de adolescentes, estas por possuírem menor poder de negociação, acabam por se caracterizar uma das maiores vítimas de seus parceiros, que usam de artimanhas de cunho emocional e sentimental, para ditar regras e afirmar seu poder sobre elas. (TAQUETTE, 2009, p.8).

Conforme pesquisa realizada em Coimbra, realizada pela União de Mulheres Alternativa Resposta, na qual foram ouvidos jovens adolescentes do Grande Porto, Braga e Coimbra, pode-se concluir que os meninos, convalidam comportamentos violentos, relacionados à violência sexual, ou seja, acham “normal” o fato de forçar a companheira a manter relações sexuais, como dispõe a pesquisa, tal percepção é aceita por pelo menos 16% dos entrevistados, bem como, ao tratar de comportamentos violentos em um relacionamento amoroso o número atinge 22% dos entrevistados. Tais dados demonstram que o assunto é de interesse mundial, uma vez que a violência está inserida em todas as partes do mundo, o que não seria diferente no Brasil (GLOBAL MEDIA, 2016).

No Brasil, estudos comprovam que independente do rótulo que é dado a relação afetiva/sexual as quais os adolescentes possuem, ou seja, enquadrados em namorar, ficar, noivar, etc., tanto no mundo real ou virtual, a violência se faz presente. Tal violência se apresenta em jovens/ adolescentes tanto de escolas particulares, como de escolas públicas, pois nessa fase da vida existe uma comum tentativa de controle sobre a vida do outro e em adolescentes esse controle se mostra potencializado através de ações motivadas por ciúmes. O controle perpassa pelas roupas, redes sociais, lugares que frequentam e nas amizades que ambos mantém (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011; NASCIMENTO; CORDEIRO, 2011). Sobre a violência psicológica em forma de controle, Schleiniger e Strey comentam que:

As formas comuns de tentativa de controle sobre a vida do outro nas relações afetivo-sexuais entre adolescentes são o controle de comportamentos, das roupas usadas pelo(a) parceiro(a), dos nomes nas agendas dos celulares, dos acessos às redes sociais do(a) parceiro(a), das pessoas com quem conversa, dos lugares que frequentam edas forma de expressar afetos pelos(as) amigos(as). Há circunstâncias em que o controle ganha contornos de obsessão e toma forma de perseguição, podendo desencadear em agressões físicas. (SCHLEINIGER; STREY p.3)



A preocupação quanto a atitudes é de que diante da percepção de muitos adolescentes essa obsessão se mostra mascarada, já que, principalmente para as meninas, as demonstrações públicas de ciúmes são sinônimos de amor. Assim, em muitos casos, estas acabam cedendo as pressões de seus namorados, noivos, etc., acreditando que as atitudes sejam baseadas em carinho e afeto, já que nessa fase ainda há muita dificuldade de identificar sentimentos (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011; NASCIMENTO; CORDEIRO, 2011).

As situações de controle nos relacionamentos muitas vezes não são consideradas pelos jovens como violência, enquanto não atingem um nível de obsessão. Entretanto, apesar de não parecem situações violentas, elas atingem o psicológico de quem sofre o controle e pode trazer muitos danos para a saúde, é neste sentido que comentam Schleiniger e Strey (Schleiniger; Strey, p.5):

Embora muitas situações não sejam nomeadas como violência pelos/pelas jovens, podem trazer danos aos seus relacionamentos afetivo-sexuais iguais àqueles reconhecidos como violência. A violência nas relações afetivo-sexuais entre adolescentes pode ter várias consequências negativas na saúde, indo desde danos imediatos sofridos ainda na adolescência, até efeitos que comprometem o bem-estar da pessoa ao longo de sua vida.

Ainda sobre as consequências de sofrer violência na fase de adolescência, Tarquette explica:

As mulheres jovens que sofrem violência apresentam maior propensão a distúrbios psiquiátricos, têm menor autoestima, são mais inseguras e, quando grávidas, sofrem maiores riscos de abortamentos e mortalidade materna. Podem-se identificar antecipadamente parceiros potencialmente violentos quando se percebe que são excessivamente controladores, têm expectativas irrealistas em relação à parceira, apresentam-se cruéis com animais e crianças, cometem abusos verbais e/ou têm histórico de relações violentas no passado. (TARQUETTE, 2009)

Constata-se que a violência nos relacionamentos juvenis, na maior parte das vezes, começa através do controle psicológico para, posteriormente, evoluir aos outros tipos de violência. Ocorre que, uma vez constatado pela adolescente os primeiros sinais, está já deve procurar auxílio para conseguir sair dessa relação abusiva. Conhecer o que é considerado violência pode ser uma das principais ferramentas de combatê-la desde logo. Ademais, é de extrema importância que as



jovens previnam-se dessas situações para que não sofram consequências futuras que podem ser até piores do que as já vivenciadas.

As escolas são ambientes fundamentais ao contribuírem com questionamentos e esclarecimentos dos mais diversos assuntos para com seus alunos. Neste sentido, a aproximação com as adolescentes, através da troca de informações e principalmente através da escuta, poderá contribuir para uma melhor compreensão dos seus anseios e relacionamentos, principalmente os amorosos destrutivos. Para que, assim possam ocorrer mudanças de forma efetivas, com menos vítimas futuras de violência, devido aos esclarecimentos prestados sobre o assunto (OLIVEIRA, TOMAZETTI, RAMOS e SALVA, 2015).

Uma pesquisa realizada na cidade de Porto Alegre/RS, a qual entrevistou inúmeros alunos da rede pública e privada de ensino, avaliou que os alunos consideram insuficientes as informações sobre sexualidade e relacionamentos transmitidas na escola, percebeu-se ainda uma resistência das instituições em falar abertamente sobre o tema e um desejo dos estudantes de mais atenção aos aspectos da vida emocional e outros temas que envolvem o cotidiano da juventude. (SOARES; LOPES; NJAINE, 2013)

Outro problema grave encontrado durante pesquisa foi a de transferência de responsabilidades, onde os pais acreditam ser de responsabilidade da escola ensinar sobre relacionamentos sexualidade e a escola muitas vezes também foge de tal compromisso, vejamos:

Observa-se que a sexualidade, ainda considerada tabu na sociedade, provoca incômodos que afetam profundamente as relações entre adolescentes e adultos, sejam pais, sejam professores. Muitas vezes, a família se exime de tratar desse assunto com os jovens, deixando essa “tarefa” exclusivamente para a escola. Entretanto, se a instituição escolar não reconhece como sua essa responsabilidade, os adolescentes ficam desamparados no que se refere à educação sexual e à oportunidade de discussões sobre seus relacionamentos. (SOARES; LOPES; NJAINE, 2013, p.1126)

As dúvidas e falta de informações dos jovens também nos reportam a pensar sobre as incertezas de toda uma conjuntura social, já que tendo os jovens como protagonistas de relações conturbadas e violentas, estas afetarão a sociedade no geral, tanto no presente como no futuro. As jovens, em muitos momentos, sinalizam que precisam de ajuda e que necessitam ser escutadas por meio de suas atitudes. Mesmo o ambiente escolar não tendo sido criado para ter a fala dos alunos



como protagonista, os educadores ao entender tais sinais, poderão contribuir para amenizar o sofrimento e problemas que estas estão vivenciando (OLIVEIRA, TOMAZETTI, RAMOS e SALVA, 2015).

Destarte, visualiza-se que há uma necessidade urgente de mais educação quanto aos relacionamentos tanto nas escolas quanto dentro de casa. Conhecer o que é considerado violência e saber identificar um relacionamento abusivo desde cedo, pode evitar que muitas meninas continuem nessas relações e ajudar a conscientizar os meninos de que muitas atitudes que parecem inofensivas podem causar grandes consequências. Além disso, falar sobre relacionamento e sexualidade abertamente em casa e na escola gera confiança no adolescente, uma vez que terá com quem conversar e aconselhar-se. As atitudes de prevenção de violência contra a mulher devem começar desde a infância para que, no futuro, sejam raros os casos em que isso ainda ocorra.

## **CONCLUSÃO**

No decorrer do presente estudo percebe-se que, apesar dos inúmeros avanços alcançados nas últimas décadas em relação à igualdade de direito entre homens e mulheres e, principalmente, com a edição da Lei Maria da Penha que visa combater a violência doméstica e familiar, ainda há muito caminho a percorrer no combate à violência de gênero, uma vez que este já se faz comum na sociedade pós-moderna em que vivemos. As pesquisas e os dados trazem números alarmantes de todo tipo de violência possível (física, psicológica, sexual, entre outras) que várias mulheres passam diariamente e, na grande maioria das vezes, vindas de quem deveria protegê-las.

Na sociedade atual, onde os relacionamentos se iniciam cada vez mais cedo, a grande preocupação é em relação aos adolescentes. Para que se evite um futuro de ainda mais violência, é de extrema importância que se previna desde cedo, ensinando os meninos a respeitarem as mulheres de igual para igual e as meninas conhecendo seus direitos e, principalmente, que ambos saibam o que significa violência no relacionamento, uma vez que grande parte dos adolescentes não reconhecem quando se encontram em um relacionamento violento.

Para tanto, é imprescindível políticas públicas, mais efetivas e diretas, que visem o esclarecimento dos adolescentes quanto a relacionamentos, formas de



violência e como prevenir que isso ocorra e o que fazer caso isso ocorra, dando voz ativa para ouvir o que as adolescentes passam em seus relacionamentos e suporte para que caso desejarem, se desvinculem de tais relacionamentos. O que se nota atualmente é um descaso por parte dos pais. Pois estes, muitas vezes, não tem coragem de falar com seus filhos sobre relacionamento abertamente e, por sua vez, transferem tal responsabilidade para escolas e professores. Há inúmeras as campanhas voltadas a prevenir a violência contra as mulheres atualmente. Entretanto, pouco ou quase nada se vê no âmbito escolar, onde os próprios alunos reclamam da falta de diálogo sobre relacionamentos e sexualidade.

A aproximação entre adolescentes, educadores e familiares, através de um diálogo aberto, motivado e pautado na confiança pode ser um grande aliado para amenizar um problema que atinge milhões de mulheres em todo o país e cada vez mais cedo, ou seja, diretamente adolescentes. Assim, percebe-se que essa aproximação pode se tornar uma grande aliada na mudança social que todos almejam. Pois, dando voz ativa aos maiores interessados e as potenciais vítimas poder-se-á, efetivamente entender e agir diretamente no início do problema, tentando dar amparo, apoio e possivelmente responsabilizar os agressores quando estes já existirem.

Por derradeiro, nota-se que o problema da violência contra a mulher ainda precisa percorrer um longo caminho, mas há medidas que podem ser adotadas agora para que em um futuro próximo tenhamos cada vez menos casos e violências e, conseqüentemente, menos vítimas, e neste sentido temos a educação dos jovens com relação a esse problema social, uma das possíveis soluções.

## REFERÊNCIAS

BUSS, D. M. (2000). **Apaixon perigosa: Por que o ciúme é tão necessário quanto o amor e o sexo (M. Campello, Trad.)**. Rio de Janeiro: Objetiva.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006. **Lei Maria da Penha**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 07 de ago. 2006. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm)> Acesso em: 03 out. 2016

BRASIL. **Programa de Prevenção, Assistência e Combate à Violência Contra a Mulher – Plano Nacional: diálogos sobre violência doméstica e de gênero:**



**construindo políticas públicas.** Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Brasília: A Secretaria, 2003. Disponível em:

<[https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=17&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwj5mOSHoL\\_PAhVJgpAKHQtQA1A4ChAWCD8wBg&url=http%3A%2F%2Fwww.observatoriodegenero.gov.br%2Fmenu%2Fpublicacoes%2Fouts-artigos-e-publicacoes%2Fprograma-de-prevencao-assistencia-e-combate-a-violencia-contr-a-mulher-plano-nacional%2Fat\\_download%2Ffile&usg=AFQjCNGBRuyV16-Kyq-WyueOCr8XfdileQ&bvm=bv.134495766,d.Y2l](https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=17&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwj5mOSHoL_PAhVJgpAKHQtQA1A4ChAWCD8wBg&url=http%3A%2F%2Fwww.observatoriodegenero.gov.br%2Fmenu%2Fpublicacoes%2Fouts-artigos-e-publicacoes%2Fprograma-de-prevencao-assistencia-e-combate-a-violencia-contr-a-mulher-plano-nacional%2Fat_download%2Ffile&usg=AFQjCNGBRuyV16-Kyq-WyueOCr8XfdileQ&bvm=bv.134495766,d.Y2l)> Acesso em: 03 out. 2016

BRASIL. Superior Tribunal de Justiça. **RHC: 27317 RJ 2009/0240403-0**, Relator: Ministro GILSON DIPP, Data de Julgamento: 17/05/2012, Quinta Turma, Data de Publicação: DJe 24/05/2012. Disponível em: <[www.stj.jus.br](http://www.stj.jus.br)> Acesso em: 04 out. 2016

BRASIL. Superior Tribunal de Justiça. **HC: 181217 RS 2010/0143179-9**, Relator: Ministro GILSON DIPP, Data de Julgamento: 20/10/2011, Quinta Turma, Data de Publicação: DJe 04/11/2011. Disponível em: <[www.stj.jus.br](http://www.stj.jus.br)> Acesso em: 04 out. 2016

BRASIL. Superior Tribunal de Justiça. **CC: 103813 MG 2009/0038310-8**, Relator: Ministro JORGE MUSSI, Data de Julgamento: 24/06/2009, Terceira Seção, Data de Publicação: DJe 03/08/2009. Disponível em: <[www.stj.jus.br](http://www.stj.jus.br)> Acesso em: 04 out. 2016

BRASIL. **Observatório Brasil da Igualdade de Gênero.** Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República. Brasília, 2009. Disponível em: <<http://www.observatoriodegenero.gov.br>> Acesso em: 03 out. 2016

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

DOSSIÊ. Instituto Patrícia Galvão. **Cultura e Raízes da Violência Contra a Mulher.** Disponível em: <<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/violencias/cultura-e-raizes-da-violencia/>> Acesso em: 03 out. 2016

DOSSIÊ. Instituto Patrícia Galvão. **Violência Doméstica e Familiar.** Disponível em: <<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/violencias/violencia-domestica-e-familiar-contr-a-mulheres/>> Acesso em: 03 de Out. 2016.

GLOBAL MEDIA. **Um terço dos rapazes acha legítima a violência sexual no namoro.** Disponível em: <<http://www.dn.pt/sociedade/interior/um-terco-dos-rapazes-acha-legitima-a-violencia-sexual-no-namoro-5026222.html>> Acesso em: 27 Set. 2016.

GONZALES, Débora de Fina. **Entre público, privado e político: avanços das mulheres e machismo velado no Brasil.** Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742014000100015](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742014000100015)> Acesso em: 23 Set. 2016.



MARQUES, T. M. (2005). **Violência conjugal: Estudo sobre a permanência da mulher em relacionamentos abusivos. (Dissertação de Mestrado não publicada).** Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.

MINAYO, Maria Cecília de S.; ASSIS, Simone G. de; NJAINE, Kathie (Orgs.). **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011.

NASCIMENTO, Fernanda S.; CORDEIRO, Rosineide de L. M. **Violência no namoro para jovens moradores de Recife.** Psicologia & Sociedade, v.23, n.3, p.516-525, 2011.

OLIVEIRA, A. M. ; TOMAZETTI, Elisete M. ; RAMOS, N. V. ; SALVA, Sueli ; SCHICKMANNE, V. **Jovens das Escolas do Ensino Médio de Santa Maria: escuta, diálogo e a permanente lógica escolarizante.** In: Elisete Medianeira Tomazetti; Valéria Silva Ferreira. (Org.). Práticas Educativas Em Questão. 1ªed.Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2015, v. 1, p. 85-101.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (2005). **Combater a violência baseada em gênero: Uma chave para alcançar os objetivos de desenvolvimento do milênio.** Disponível em: <[https://www.cig.gov.pt/siic/pdf/2014/siic-combating\\_gbv\\_por.pdf](https://www.cig.gov.pt/siic/pdf/2014/siic-combating_gbv_por.pdf)>. Acesso em: 22 mai.2016.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação Não-Violenta: Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais.** Tradução: Mário Vilela. São Paulo: Ágora, 2006.

SANTIAGO, R. A, COELHO, M. T. A. D. **A Violência contra a mulher numa perspectiva histórica e cultural.** Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/5234/1/A%20VIOL%C3%80NCIA%20CONT%20RA%20A%20MULHER%20NUMA%20PERSPECTIVA%20HIST%C3%93RICA%20E%20CULTURAL.pdf>> Acesso em: 27 Set. 2016.

SCHLEINIGER, Cristiane dos Santos; STREY; Marlene Neves. **VIOLÊNCIA & GÊNERO NAS RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS ENTRE ADOLESCENTES: Enfrentamento Intersetorial.** Disponível em:

<<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/sipinf/edicoes/l/30.pdf>> Acesso em: 04 out. 2016.

TAQUETTE, Stella R. **Violência entre namorados na adolescência.** Adolescência e Saúde, 2009. Disponível em: <[http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=24](http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=24)> Acesso em: 04 out. 2016

WINNICOTT, D. W. **Privação e Delinquência.** São Paulo: Martins Fontes. 1999.

ZAPPE, J. G. & Ramos, N. V. (2010). **Perfil de adolescentes privados de liberdade em Santa Maria/RS.** Psicologia & Sociedade, 22(2), 365-373.